

Humanismo e Tecnologia

ARTHUR JOSÉ ALMEIDA DINIZ *

Refletirmos sobre as condições atuais da Tecnologia é penetrar no reino do maravilhoso. Penetrar no reino do maravilhoso é mergulhar no pensamento mitológico. A mitologia é a chave para penetrarmos um pouco nos desafios tremendos da ciência hoje.

Quanto ao Humanismo convém lembrarmos-nos de René Grousset quando este discorreu sobre 'O Humanismo clássico e o mundo Moderno' sintetizando o Humanismo como sendo "a herança espiritual greco-latina . . . O humanismo, o nosso humanismo final, nasceu desta convergência . . . entre o ideal religioso dos Gregos e o Evangelho" . . . "Com a Renascença, o que o humanismo põe sobretudo em foco é, compreendemo-lo bem, a antigüidade greco-romana. Mas por um movimento muito diferente do século XIII, ainda que conduzindo ao nosso equilíbrio, as humanidades repostas no lugar de honra, ao mesmo tempo que comportam a ressurreição do paganismo grego, comportam o estudo do hebraico e, mais geralmente, as diversas fontes do Antigo Testamento. O resultado deste humanismo será simultaneamente a libertação do indivíduo ou, se preferir, o livre exame e, num sentido oposto, o regresso à antiga noção do Estado. O humanista italiano dos séculos XV-XVI, mais ainda que o contemporâneo de Sócrates, é o

* Esta conferência, pronunciada na Escola de Minas da Universidade Federal de Ouro Preto em 27-07-87, integra a pesquisa interdisciplinar do autor junto ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

homem liberto das suas peias. O seu humanismo libertou-o do seu século e fez dele, aos próprios olhos, a medida do universo. Ele transcende o seu tempo, o seu país, a sociedade, e, fechado na fortaleza da sua cultura, supera as desditas públicas. A vantagem de uma tal tomada de posição é evidente. Leonardo, Erasmo, para só citar estes, tornaram-se, como mais tarde Leibnitz ou Goethe, e no sentido pleno da palavra, cidadãos do mundo.”¹

A expressão utilizada por René Grousset “fechado na fortaleza de sua cultura, supera as desditas públicas” é bem atual. Nossa época, tal como a época das Grandes Navegações do século XV, encontra-se face a uma crise que podemos somente tomar por referência o período mítico, heróico da Grécia antiga. Prometeu manietado, *Prométhée empêtré*, tal o título sugestivo da obra de Jean-Jacques Salomon sobre a resistência à mudança tecnológica atual. Como se não bastasse nossas dores de cabeça domésticas com a barafunda da Informática.

Por que Prometeu? Prometeu, o titã, filho de Jopetos e Clymene, irmão de Atlas (que sustenta o mundo, daí nosso vocábulo atlas) e de Epimeteu, teve a audácia de roubar o fogo do Olimpo, ajudado pela deusa da Sabedoria, Pallas-Atenas, e doá-lo aos homens. A vingança de Zeus é terrível. Vai aprisionar Prometeu num rochedo no Cáucaso onde este terá seu fígado vorazmente comido por um abutre. Este, o mito. Se quebrarmos a castanha do mito veremos que no fundo estamos vivendo hoje o castigo de Prometeu que, na versão moderna, nos concedeu o fogo ... atômico. E, curiosamente, os efeitos das radiações se localizam instantaneamente no fígado, destroçando o equilíbrio somático das vítimas. A lista de horrores é grande: Hiroshima, Nagasaki, e, modernamente, outro dia, Chernobyl. E depois?

1. GROUSSET, René *et al.* Para um novo humanismo. Lisboa, Pub. Europa-América, nº 968, p. 12-14.

Convém temperarmos esta passagem trágica com outra lenda importante. Epimeteu, o irmão de Prometeu, civilizou os homens. Houve uma época em que “a mulher não fora ainda criada.” A primeira mulher se chamou Pandora que, como até hoje podemos constatar, continua uma grande curiosa. Abelhuda, como todos os seres humanos (homens e mulheres inclusos), vai abrir uma belíssima caixa que Epimeteu ganhara do rei dos deuses, de Zeus (ou Júpiter para os romanos). Nesta caixa estavam aprisionados todos os males da humanidade, desde a gripe, a asma, até a ambição, a avareza, o ódio, que se escaparam em nuvens ameaçadoras. Felizmente, para nós, ficou no fundo da caixa de Pandora a divina Esperança. Hoje, com a caixa de Pandora ainda escancarada, possuímos ainda a Esperança. E com base nesta evidência é sempre saudável refletirmos juntos sobre os nossos destinos, o nosso futuro.

Daí a importância de meditarmos um pouco sobre o significado do Humanismo para nossos dias: o Humanismo é o ato de fé na cultura humana, o ato de esperança em nosso progresso moral e espiritual como antídoto eficaz contra os desvaria-mentos de determinadas épocas. Arnold Toynbee nos conta que os pilotos que sobreviveram à Segunda Guerra Mundial quando lhes foi oferecida a oportunidade se iniciarem numa carreira no mundo civil do pós-guerra, engenharia, advocacia, por exemplo, optaram em maioria esmagadora por cursos de Filosofia, Teologia, Belas Artes, Psicologia. Estes homens que tiveram ou sentiram a proximidade da Morte em suas vidas voltaram radicalmente mudados. Desejavam estudar o Porque do destino e da dor!

Atualmente, estamos vivendo esta proximidade, esta familiaridade com a Morte. Sem se falar num conflito atômico, que se tome em consideração a nova peste, a terrível Aids. Convém lembrarmos o que já nos disse, há anos, o grande pensador alemão, Karl Jaspers: “Mas o que há de novo, hoje, é que o homem está ameaçado na sua totalidade, que essa

ameaça é mais aguda e que dela se tem mais consciência do que nunca, que ela diz respeito não só aos nossos bens ou à nossa vida, mas até à própria condição do homem. Para todo aquele que não pode esquecer o caráter efêmero de todos os nossos empreendimentos, o estado de alarme em que vivemos, tudo o que agora fazemos, parece, perante o futuro, esvaziar-se de qualquer sentido. Considera-se possível que o homem desapareça, ou então que se transforme num ser tão completamente diferente que não haja qualquer relação entre ele e o que somos, queremos, amamos e fizemos. A perda de toda a esperança para milhões de homens mergulhados na miséria, a reflexão sobre aquilo que os nossos critérios permitem considerar provável, tudo isso fez surgir um estado de espírito que só vê por toda a parte destruição e morte . . . Mas é mesmo decisivo que se diga — que, em compensação, não conhecemos o futuro na sua totalidade. O nosso pretensão saber ameaça-nos da paralisia moral e dela temos de nos defender . . . Não há apenas no mundo de hoje fatos horríveis. Há também coisas muito grandes, através das quais o homem se cumpre, muitas vezes oculto por detrás delas: força de amor, heroísmo, profundidade da fé. Se prever o futuro é perceber o que já é presente, então temos razões para *não desanimar*. Recuperar perante as terríveis probabilidades, correr os riscos necessários à realização do improvável, tudo isso é traço fundamental da ação humana.”²

A ação humana vem se desenrolando, há milênios, pela atividade que nos caracteriza plenamente como seres humanos — A POLÍTICA. Pela atividade política deve ser aqui compreendido a claridade na ação e a participação desinteressada (*mesmo*) para o bem da comunidade em que vivemos. Desconfiar muito das macro-políticas. Devemos sempre pensar em termos de nossos vizinhos, nossos concidadãos, naquilo que lhes será útil ou nocivo. Levar adiante planos políticos ambi-

2. JASPERS, *et. ali.* *Para um novo humanismo*. p. 195.

ciosos visando um ser humano abstrato é uma monstruosidade que o Nazismo e o Stalinismo já provaram à saciedade. Evidentemente, necessitamos distinguir Hitler de Stalin, um fenômeno sempre recorrente e ameaçador em qualquer utopia vivida em suas últimas conseqüências. Hitler é um gigantesco espantalho utilizado por forças conservadoras. Nunca se esquecer daquilo que Karl Jaspers denomina como sendo uma crise de fé, uma crise do Espírito que atingiu durante a Alemanha dos anos trinta e que foi também a grande crise do mundo ocidental. Convém também repetirmos com Hannah Arendt que “A diferença fundamental entre as ditaduras modernas e as tiranias do passado está no uso do terror não como meio de extermínio e amedrontamento dos oponentes, mas como instrumento corriqueiro para governar as mesmas perfeitamente obedientes. O terror, como o conhecemos hoje, ataca sem provocação preliminar, e suas vítimas são inocentes até mesmo do ponto de vista do perseguidor. Este foi o caso da Alemanha nazista, quando a campanha do terror foi dirigida contra os judeus, isto é, contra pessoas cujas características comuns eram aleatórias e independentes da conduta individual específica. Na União Soviética a situação é mais confusa, já que o sistema bolchevista, ao contrário do nazista, nunca admitiu em teoria o uso do terror contra pessoas inocentes; tal afirmação, embora possa parecer hipócrita em vista de certas práticas, faz muita diferença. Por outro lado, a prática soviética é mais ‘avançada’ do que a nazista em um particular: a arbitrariedade do terror não é determinada por diferenças raciais e a aplicação do terror segundo a procedência sócio-econômica (de classe) do indivíduo foi abandonada há tempo, de sorte que *qualquer* (grifo do autor citado) pessoa na URSS pode subitamente tornar-se vítima de terror policial.”³

3. ARENDT, Hannah. *Origens do Totalitarismo O anti-semitismo instrumento de poder*. Rio de Janeiro, Documentário, 1975 2 v, v. 1 p. 25.

Mas, como viver a política? Como tentar conciliar o humanismo com a política? E, mais complicado ainda, como adaptar uma tecnologia às *verdadeiras* necessidades do povo?

Inicialmente é preciso que fique bem claro que a tecnologia é um “processo social dentre outros. Não existe, de um lado, o *técnico* e do outro, o *social* como dois mundos ou dois processos heterogêneos. A sociedade é modelada pela mudança técnica, a mudança técnica é modelada pela sociedade. Alternadamente, condicionada pela oferta e induzida pela demanda, a inovação procede do interior do sistema econômico e social e não é simplesmente um ajustamento a transformações exógenas. Neste sentido uma sociedade se define muito mais pelas tecnologias que ela escolheu para utilização e desenvolver de *preferência* a outras do que pelas tecnologias que é capaz de criar ...”⁴ Assim sendo, não existe um determinismo científico ou um determinismo tecnológico que pressione os países para tais ou tais caminhos de desenvolvimento. Todo este complexo emaranhado de técnicas, de pesquisa e desenvolvimento é fruto de uma *opção*, de uma escolha *política*, inevitavelmente. Perguntemo-nos qual teria sido a situação brasileira durante os anos do choque do petróleo, na década de 70, se ao invés por rodovias, o Presidente Juscelino Kubitschek, em 1956, tivesse optado por um gigantesco sistema ferroviário nacional e com vistas a uma integração latinoamericana. Entretanto, as conclusões *científicas* da equipe de economistas que elaboraram seu plano de metas *optou* pelo desenvolvimento rodoviário. Mas, não podemos nos esquecer de que na década de sessenta, as grandes fábricas de automóveis necessitavam de abertura de novos parques industriais para vender seu material obsoleto e partir para a tecnologia de ponta, a moderna informática. Como conclui Ricardo Maranhão em seu estudo sobre o Governo Juscelino Kubitschek, “A ideologia desenvolvi-

4. SALOMON, Jean-Jaques. *Prométhée emprêtré*. Paris, pergamon press, 1983 p. 146.

mentista e nacionalista veiculada pelo governo JK tentava ocultar, com relativo sucesso, esse processo de implantação de uma dinâmica monopolista submetida a centros externos, essa subordinação do capital nacional ao estrangeiro... Entretanto, mesmo a noção de 'desenvolvimento' veiculada pela propaganda presidencial não podia ocultar que os êxitos do período estiveram associados ao aumento das disparidades regionais, das desigualdades de renda, dos focos de tensão, dos bolsões de miséria, e isto se utilizarmos apenas a linguagem do próprio discurso desenvolvimentista.”⁵

Celso Furtado em seu livro o 'Mito do Desenvolvimento Econômico' possui uma frase lapidar que resume o conflito tecnologia-política: “A característica mais significativa do modelo brasileiro é a sua tendência estrutural para excluir a massa da população dos benefícios da acumulação e do progresso técnico. Assim, a durabilidade do sistema baseia-se grandemente na capacidade dos grupos dirigentes em suprimir todas as formas de oposição que seu caráter anti-social tende a estimular.” Entretanto, o problema não se caracteriza somente como sendo brasileiro. Para Ricardo Combellas, “Na América Latina ... a transferência de tecnologia adotou *formas agudas* (grifo nosso) de dependência, justificando o objetivo da política adotada pelo Grupo Andino de colocar a mencionada transferência a serviço do desenvolvimento econômico da subregião ... As concessões de tecnologia se traduzem por efeitos desfavoráveis para os países receptores em razão do desconhecimento, por parte destes, ou conhecimento limitado, do negócio tecnológico que se manifesta; pela tolerância excessiva do país receptor na fase de negociação, seu desconhecimento de outros tipos de concessões, a ausência de uma legislação antimonopolista em nossos países, a incompetência das autoridades

5. MARANHÃO, Ricardo. *O Governo Juscelino Kubitscheck*. São Paulo, Cia. Ed. Nacional, leia-se Brasiliense, 1984, col. tudo é história, v. 14.

fiscais para controlar os preços de transferência entre a empresa matriz e a subsidiária como forma de transferir lucros não taxados de um país para outro.”⁶

Entretanto, ao aprofundarmos a busca de conceitos que nos ajudem a clarear nosso presente confuso, será útil compararmos nossa época atual com a das Grandes Navegações. Hoje, como também no século XV, o relato das viagens dos astronautas (os antigos navegantes, quem sabe se os mesmos Espíritos em novos trajes?) nos fascina. Os laboratórios espaciais já trazem benefícios imediatos e de eficácia surpreendente no campo da Medicina, da Química, da Ótica e em inúmeros outros domínios científicos. O plano ambicioso das aeronaves tripuladas já conseguiu reunir russos e americanos num empreendimento pacífico. O Direito Internacional já se preocupa com o Direito Aeroespacial e já existem documentos jurídicos contendo um Tratado sobre os princípios reguladores das atividades dos Estados na exploração e uso do Espaço Cósmico, inclusive a Lua e demais corpos celestes de 1967 assinado em Londres, Moscou e Washington e desde 1968, também assinado em Londres, Moscou e Washington existe um acordo sobre salvamento de astronautas e retorno dos astronautas e a restituição dos objetos lançados no espaço extra-atmosférico. Por aí vemos que, aos poucos, nosso Planeta vem sendo considerado aquilo que realmente é: Nosso Lar, o Lar de Todos Nós sem distinção de nacionalidade, credos ou raças, — mas, *caveat emptor* — que se acautele o ouvinte — estamos longe desse ideal! Cremos firmemente que com o aprofundamento dos programas espaciais surgirá um derivativo para os instintos belicosos que jazem em nosso íntimo. Pois a guerra, seja a das cavernas ou a das Estrelas, nasce do fundo de nossos corações. E é inútil criticarmos a propaganda belicista se, em nosso íntimo, acalentamos rancores e permanecemos em agressividade constante.

6. COMBELLAS, Ricardo. Venezuela, la transferencia de tecnologia y el pacto andino *Politéia*. Caracas, v. 3, 1974 p. 162.

Há alguns anos, em obra interessante sobre o impacto da Imprensa na História Universal, a 'Galáxia de Gutenberg' de Marshall McLuhan, é proposta uma tese curiosa: a tecnologia muda nosso *modus vivendi* e mais, condiciona nosso próprio olhar sobre o mundo, nosso "regard sur le monde", como diria Paul Valéry. Gutenberg (1405-1466), possibilitou a Reforma protestante, pois seria impossível para Lutero (1483-1546) a divulgação da Bíblia sem a imprensa. Pela difusão do conhecimento através de obras outrora inacessíveis por serem pergaminhos copiados a peso de ouro, podemos tentar avaliar, hoje, o impacto de nossas descobertas eletrônicas. Temos para nós que o mundo atual está simbolizado pela descida do primeiro Homem sobre a Lua, e marcado antes pela belíssima oração pronunciada no espaço cósmico pelo astronauta Glehn. O mundo inteiro, pela televisão, assistiu com temor reverencial este fato esplêndido: a raça humana pisou na Lua, o homem saiu da sua pequenina habitação terra, ensaiando os primeiros passos para as grandes navegações interplanetárias, e, intergalácticas, por que não? Mas nem todos conseguimos apreender a importância, o significado ou mesmo a realidade destes acontecimentos que mudaram dramaticamente todos nossos destinos. Se fôssemos perguntar ao homem nas ruas, a qualquer cidadão sobre a *realidade efetiva* das viagens espaciais, ficaríamos surpresos com as negações ou mesmo com a total incapacidade de compreender o que está se passando. Por nossa parte, já vivenciamos um episódio pitoresco. Há anos atrás, um eminente colega nosso de profissão, disse-nos que toda esta 'encenação' de vôos espaciais era forjada pelo cinema. Ao perguntarmos admirados como entendia ele esta 'encenação' foi-nos respondido que "para se chegar até o espaço cósmico seria necessário o transporte de milhares, senão de milhões de tratores potentíssimos!" — Como? perguntamos curiosos — "Mas é claro", respondeu-nos. — "Sim, necessitamos de tratores para removermos as esferas que nos interligam até

outros planetas!" Para nós isto constituiu uma surpresa! Para este homem bem sucedido, próspero, advogado ilustre, o mundo ainda era 'lido' sob a ótica do sistema de Ptolomeu (90-168). Nosso querido amigo ainda não chegara a Copérnico (1473-1543) e nem jamais o aceitaria! Mas este fato, embora isolado, trai de certo modo o arcaísmo da mentalidade política e sobretudo a mentalidade militar e científica de nossos contemporâneos. Para determinadas tecnologias, sobretudo aquelas bem conhecidas dos senhores, pois diz respeito à exploração do sub-solo, a terra é ainda considerada como algo inesgotável, sem nenhuma ligação com nosso organismo psico-somático. A calamidade criada pelas multinacionais dos pesticidas, verdadeiras pestes, não é sequer compreender pelos seus diretores confortavelmente instalados em seus escritórios em New York ou Paris. Para estes seres, a Terra é algo absolutamente diferente deles, planeta com recursos inesgotáveis, (O que trai o mito da prosperidade indefinida) e o mais grave: acham que o Oceano deve ser tratado como a Cloaca Máxima do planeta — isto é, super-esgoto pois não sabem que entre nós e o Oceano existe uma identidade muitíssimo mais íntima do que jamais suspeitaram. Assim, os responsáveis por decisões que vão afetar milhões de seres humanos, estão séculos atrasados em relação a Galileu (1564-1642) e jamais ouviram falar na visão genial de Giordano Bruno (1548-1600) que nos ensinava a nossa intimidade com todo o Universo. Muitos cientistas modernos tratam o mundo chamado de 'material' como um inimigo, exploram a Terra, Mãe-Terra com avidez. Os testes atômicos subterrâneos levados a efeito no deserto de Nevada nos Estados Unidos e pela Rússia no deserto da Sibéria constituem um ultraje público à dignidade humana, são uma estupidez colossal!

— Os ecologistas, os estudantes do meio-ambiente deveriam meditar sobre este trecho de Giordano Bruno escrito há vários séculos: "De tal maneira de ver e dizer, o que pretendo concluir

é o seguinte: que o mar, as fontes, os rios, os montes, as pedras, e o ar neles contidos, e neles compreendidos ... não são senão partes e membros dissemelhantes de um mesmo corpo, duma mesma massa, bastante proporcionais às partes e membros que nós vulgarmente conhecemos por compostos animais, e cujo termo, convexidade e superfície última são limitadas pelas margens extremas dos montes, e pelo ar tempestuoso; de sorte que, o Oceano e os rios permanecem nas profundidades da terra, como o fígado, considerado como fonte do sangue, e as veias, ramificadas, estão contidas e extendidas pelas partes mínimas." (BRUNO, Giordano. *Acerca do Infinito, do Universo e dos Mundos*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1978, p. 106) .

Os defensores da energia nuclear ainda não resolveram a questão premente da eliminação do lixo atômico. O grau de radioatividade deste material permanece perigoso por milhares de anos. E no entanto, os tecnoburocratas insistem na construção de centrais nucleares, de duvidosa eficácia e ruínosa presença.

Convém perguntarmos por este comportamento científico e, paradoxalmente, irracional. Qual a razão de termos realizado tantos progressos e, apesar do alto grau do conhecimento teimar em flertar com a morte, com a destruição planetária? Aqui atingimos a parte central do refletir sobre tecnologia e humanismo. A tecnologia, isto é, tudo aquilo que podemos considerar como sendo progresso científico, deve estar mergulhado em intensa atmosfera ética, moral e deverá ser pensado sob a perspectiva humanista. Por perspectiva humanista entenda-se a necessária e constante preocupação com a dignidade da raça humana, com a sobrevivência do homem no Planeta. Já perdemos a antiga inocência de cientistas ou guerreiros que pensavam em escala nacional. Hoje, agora, a ciência já pode *efetivamente* calcinar o planeta várias vezes.

Como ponto de partida para compreendermos o paradoxo da conquista de possibilidades de realização imediata de bem estar em escala planetária e ao mesmo tempo de destruição também em escala planetária, seja-nos permitido meditar sobre a *ambigüidade*, este componente essencial da alma humana.

O poeta Ovídio já se queixava, em seu exílio de Roma: "*Video Bona, proboque deteriora sequor* (Ovídio cometeu a imprudência de criticar a filha do Imperador Augusto). Mas é com São Paulo, em suas Epístolas imortais em que nos é aclarada esta face oculta de psiquê humana. São Paulo já se lamentava: "Não entendo, absolutamente, o que faço: pois não faço o que quero; faço o que aborreço . . . Não faço que quereria, mas o mal que não quero! . . . Homem infeliz que sou! Quem me livrará deste corpo que me acarreta a morte? . . . Assim, pois, de um lado pelo meu espírito sou submisso à lei de Deus; de outro lado, por minha carne, sou escravo do pecado." (São Paulo aos Romanos, 7, 16, 19, 24, 26). O grande apóstolo nos ilumina, hoje, de modo essencial, na compreensão de nossos conflitos devastadores. A constante da natureza humana é a ambigüidade. Ambigüidade, jogo terrível de luz e sombra, conflito lancinante que nos faz sofrer no plano íntimo, pessoal, subjetivo, perturba, turva o plano social, institucional e político. Somos seres marcados interiormente pela cicatriz da ambigüidade. Toda a História, do mais primitivo de nossos ancestrais ao minuto presente, que se escoia implacavelmente, está mesclada pela ambigüidade de nossas ações. Todas as guerras, as calamidades, mas também toda a grandeza, toda a beleza e magnificiência das conquistas do Espírito humano integram este quadro belíssimo, mágico, fascinante, que é a nossa história, em que aparecem os tons sombrios da ambigüidade fruto da cobiça, da avareza, da inveja, da ambição de orgulho. Refletir sobre esta constante é penetrar nos arcanos da condição humana. Sob esse enfoque, subitamente, as coisas que nos cercam começam a nos orientar como os

símbolos que auxiliam o raciocínio matemático. Vemos os progressos da medicina, da engenharia, serem acompanhados pelo aumento de seus desvios, isto é, as armas bacteriológicas, os mísseis. Mesmo no campo efetivo, mesmo em nossas afeições mais puras, mais elevadas, estas sofrem sob o sopro letal do ciúme. Um místico já nos alertara para a definição de criminoso: "Criminoso é um de nós que foi descoberto." Conseqüentemente, tentar decifrar os problemas do presente sem esta viagem ao interior de cada um de nós, em esforço de auto-conhecimento é tarefa inútil. Hoje, para compreendermos as contradições dolorosas das sociedades do Terceiro Mundo, com seu cortejo imenso de sofrimentos, é necessário que esta reflexão passe pelo crivo de nossa experiência interior. Temos de nos colocar nos papéis de todos os atores, com nossas deficiências e imperfeições. Já disse o poeta que "eu é o outro", "je est un autre" — nisto reside a chave de nosso entendimento da tecnologia e das condições de um novo humanismo. De nada adiantará a pesquisa em vastas bibliotecas, em laboratórios super-equipados se não nos reconciliarmos com nosso diálogo interno, isto é, se não nos dedicarmos ao exercício (felizmente apenas um exercício) de nos sentarmos ao lado de todos aqueles que acusamos no mesmo banco dos réus. Quando nos penetrarmos de nossa identidade profunda, de nossa infinita cumplicidade, teremos iniciado uma revolução — a da reforma íntima. Entretanto, ao invés da moral esclerosada, existe vasto roteiro para esta viagem ambiciosa em nosso continente interno. Para tanto torna-se necessário penetrarmos na cultura muitas vezes milenar de nossa Mãe-Índia. Como penetrar nos recintos destes tesouros de sabedoria imemorial? Nós, ocidentais, começamos apenas a balbuciar as primeiras letras de um alfabeto cósmico intuído pelos Rishis, estes sábios quase divinos que nos legaram os Vedas. Entretanto, ouçamos Cecília Meireles, poeta que esteve em Ouro Preto, visitou a Índia e que nos inicia nesta nova perspectiva:

"A alma condescende em ser corpo,
abandonar seu paraíso
Deus consente que os homens venham
a esta intimidade de amigos,
somente para mostrar que se amam,
que estão no mundo, que estão vivos."

(MEIRELES, Cecília. Poemas escritos na Índia. *Obra poética volume único*. Rio de Janeiro, Aguilar, 1972, p. 673)

Para que o cientista consiga compreender esta linguagem meio nublada da mística já existem roteiros, picadas abertas na selva heterogênea dos pensamentos humanos. O professor de Religião comparada a Universidade de Oxford, R. C. Zaehner já insiste, há anos, para a importância renovadora do pensamento hindu. A Cosmologia Hindu e Budista foram muito além das concepções geocêntricas ou heliocêntricas e já nos propunham, há séculos, o universo como ilimitado no espaço e infinito no tempo. Já intuíram, há milênios, as explosões de incontáveis galáxias e os famosos 'buracos negros' pela misteriosa Pralaya — a dissolução do Universo e ao mesmo tempo o recomeçar glorioso, em formas ascendentes da evolução a caminho da perfeição divina — processos que superam a nossa contagem numérica pela sua duração em Kalpas — milênios e milênios. Convém notar que a prece dos primitivos cristãos possuem um terreno comum com as instituições místicas dos hindus. A sabedoria dos Pais do Deserto, os monges que viveram no deserto nos primeiros séculos da Igreja, é um terreno para pesquisa fértil. O ponto comum entre nosso terreno cristão e o das grandes religiões da humanidade, Hinduísmo e Budismo — situa-se na *via mystica*, na ascese mística, onde todos os viajores podem descortinar, do alto do Monte Carmelo, a pequenez de nossas vidas e a presunção de nossas fantasias exclusivistas de credos e de raças. Valeria apenas, algum dia, empreender-se uma história dos desvios da

Igreja Católica a partir do século X e XI, quando esta se 'paganizou', isto é, quando abandonou a *via mystica* e adotou o terrível *Crê ou morre*, tão violento quanto o violento Islamismo, nosso primo irmão.

Tais desvios da atividade religiosa ocidental contribuíram diretamente para agravar as terríveis contradições que estamos vivendo — O Homem se envergonhando de ser um Espírito imortal que *tem* um corpo. A igreja recusando o mundo dos espíritos, presa a uma moral abstrata, recusando a realidade perene do Espírito, oferecendo cômoda explicação para o mal, fruto do demônio — nosso Papa João Paulo II insistindo na existência desses seres diabólicos e todo-poderosos, pois a eternidade das penas atesta o seu poder. Como se não tratassem de simples seres criados, que já possuíram um corpo e se endureceram no mal, há milênios. Convém retomar a grande mensagem que nos vem do Oriente — *ex Oriente Luz* — a Salvação vem do Oriente — e as Igrejas cristãs ocidentais necessitam de se embeberem, de novo, em duas realidades. A primeira é a noção de *Karma* — a lei da ação e reação, que como no Upanisha Brihadaranyaka 4.4.5. nos diz que "Assim como o homem se comporta, como se comporta, assim se torna. Quem faz o bem, se torna o bem; quem pratica o mal torna-se mau." Sob esta banalidade aparente jaz outro conceito precioso, o de *Dharma*. — Nossa teologia católica já possui esta idéia: quando falamos em *Natura naturans* — o processo da criação, já estamos imersos na Lei Cósmica — fazemos parte, integramos um Universo Infinito, criado pela Infinita Misericórdia de um Deus que nosso Mundo moderno nega a existência pela argumentação do mal presente no mundo — sinal evidente do desconhecimento da lei do *Karma*, da lei da ação e reação.

Poderíamos continuar meditando sobre a grandeza do pensamento Vedanta. Mas, o importante a reter é a necessidade de retomarmos nosso destino. No porque do destino e da dor reside a causa de nossas ações. O mundo ocidental, nosso

famoso 'mundo livre' sofre de um infantilismo espiritual catastrófico. O mundo comunista já vive um pesadelo, o da negação de uma realidade transcendente — curiosamente, capitalismo e comunismo podem ser vistos como dois irmãos a se degladiarem mutuamente, frutos gerados do mesmo ventre — a ilusão, a Maya, a obsessão com um sucesso material.

Convém terminarmos nossas divagações e iniciarmos nossa meditação sobre Humanismo e Tecnologia com o seguinte pensamento de F. Capra:

“A visão do mundo dos místicos orientais partilha com a filosofia ... da Física moderna não apenas a ênfase na inter-relação mútua e na auto-consciência de todos os fenômenos, como, igualmente, a navegação de que existem constituintes fundamentais da matéria. Num universo que é um todo inseparável e onde todas as formas são fluídas e estão em permanente mudança, não há lugar para qualquer entidade fundamental fixa. Assim a noção de 'blocos básicos de construção' da matéria geralmente não aparece no pensamento oriental. ... As principais escolas do misticismo oriental concordam ... com a visão do universo, concebendo-o como um todo interconectado no qual parte alguma é mais fundamental que qualquer outra, de tal forma que as propriedades de qualquer uma das partes são determinadas pelas propriedades de todas as outras ... Nas palavras de Sri Aurobindo: Nada para o sentido supramental é realmente finito; baseia-se num sentimento de que tudo está em cada coisa e cada coisa em tudo — “(CAPRA, F. *O Tao da Física*. São Paulo, Cultrix, 1983, p. 218).